

Por Uma Nova Abordagem Musicoterapêutica*

Renato Tocantins Sampaio
/janeiro de 1999 **

“... Tal problemática, no fim das contas, é a da produção de existência humana em novos contextos históricos...” Félix Guattari

O Acontecimento, a Ecosofia e o Coletivo Inteligente

A Teoria dos Acontecimentos provém da tese filosófica dos estóicos de que um ser é formado por um corpo e por um *incorporium*. O corpo sendo aquele que pode ser tocado, pode ser visto, pode ser ouvido, que se mistura com outros corpos através das ações e das paixões, e, o *incorporium*, resultado do encontro entre dois corpos, consistindo em um “envelope do corpo”, *insistindo entre eles*. A relação que emerge deste encontro é o acontecimento.

A essência do Ser não é física, corporal, mas sim incorporal. O Ser é relação. O Ser é constituído pelos acontecimentos que ele realiza e que vão se implicando e se imbricando em volta de seu corpo, e conseqüentemente, modificando a forma deste corpo se relacionar com os demais corpos do mundo. O Ser não é a soma das suas características corporais, e sim a soma de seus acontecimentos e das múltiplas implicações destes.

* O presente texto traz uma versão ampliada do trabalho apresentado no II Encontro Latino-Americano de Musicoterapia intitulado “A Teoria da Inteligência Coletiva e a Musicoterapia” em novembro de 1998, no Rio de Janeiro - RJ, tendo como objetivo introduzir os conceitos básicos das teorias de Felix Guattari, Pierre Lévy e Gilles Deleuze a fim de proporcionar subsídios para uma releitura das teorias e práxis em Musicoterapia, tanto ao nível da prática clínica, como da organização político-administrativa-educacional.

** Renato Tocantins Sampaio - musicoterapeuta; educador musical; especialista em Psicopedagogia; mestrando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP;

O acontecimento ideal é uma *singularidade* que marca convergências, entroncamentos, mudanças de direções. A linguagem é a expressão de um acontecimento e não da essência de um objeto. Quando um indivíduo fala “cortador-de-pão” ao invés de “faca”, ele está falando do acontecimento e não da essência do objeto.

Conhecer algo significa conhecer um corpo no acontecimento. Conhecer não é descrever, mas sim intuir. É ter viabilidade no mundo que o indivíduo faz emergir a partir dos acontecimentos.

Para o homem chegar à completude, deve realizar todos os seus afetos, todas as suas potencialidades. Porém, só realizaremos nossas potencialidades se as experimentarmos, se as pusermos em prática, se *estivermos nos acontecimentos*. Através dos acontecimentos que o homem realiza (das relações que ele “constrói”), ele vai *atualizando* suas potencialidades, e deste modo, vai se individuando. No entanto, devemos nos lembrar que não existe um indivíduo acabado, um homem completo, um ser que realizou todas as suas potencialidades, mas apenas *sujeitos em processo de individuação*. Podemos, então, pensar a Saúde como a adaptação do indivíduo às condições ambientais (das condições físico-químicas às condições sociais) de forma a tornar possível a atualização de suas potencialidades e a manutenção do seu processo de individuação. Este processo ocorre de forma sincrônica nos quatro planos de existência humana: o plano físico-químico; o biológico; o psíquico, e o plano social. Sempre que um indivíduo atualiza uma potência, sobra um “resto”, uma “potência residual” que somente poderá ser atualizada através de um salto de ordem, de uma transdução para o plano imediatamente superior. Os planos de individuação nos remetem ao conceito de Ecosofia de Félix Guattari. Tal conceito traduz uma preocupação ético-político-estética com os diferentes níveis de atuação humana. É comum ouvirmos falar de uma ecologia do meio ambiente, e o que o autor propõe através de sua Ecosofia é uma ecologia tripla: Ecologia Ambiental (do plano de individuação biológico), Ecologia Mental (do plano de individuação psíquico) e uma Ecologia Social (do plano de individuação social). Segundo Guattari (GUATTARI, 1990)

“A Ecosofia Social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de

ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc. Certamente seria inconcebível pretender retornar a fórmulas anteriores, correspondentes a períodos nos quais, ao mesmo tempo, a densidade demográfica era mais fraca e a densidade das relações sociais mais fortes que hoje. A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções "comunicacionais" mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Neste domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis micro-sociais quanto em escalas institucionais maiores", enquanto que a Ecosofia Mental "será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os "mistérios" da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens, etc. Sua maneira de operar aproximar-se-á mais daquela do artista do que a dos profissionais "psi", sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade."

Devemos nos lembrar que assim como um indivíduo não é o somatório de suas características corporais, um grupo não é o somatório de seus elementos participantes. O social também não é um termo de uma relação do tipo unidade-conjunto, mas sim um sistema de relações que atualizam as potencialidades pré-individuais. Estas relações entre os indivíduos acabam por formar novos atributos incorporais que irão gerar novos processos de individuação. Existem basicamente dois tipos de grupos: o grupo como um conjunto de indivíduos e suas relações (acontecimentos); e, os grupos-sujeito (coletivo inteligente). Para haver a formação de um coletivo inteligente é necessária a visibilidade, a troca, a enunciação entre os componentes do grupo. A Inteligência, enquanto capacidade de produzir associações (e subjetivações), está intimamente ligada à ação: quanto mais eu ajo inteligentemente, mais inteligente eu fico. Possuir mais material para associar implica um campo de possibilidades de manifestações de idéias também maior. Mas não necessariamente implica maior inteligência, pois as associa-

ções não necessariamente estarão ocorrendo. A validação dos conhecimentos, saberes e competências depende sempre do coletivo onde o indivíduo está inserido. Só é possível avaliar um conhecimento a partir de uma enunciação, não necessariamente verbal, que irá acontecer dentro de um contexto.

A Prática Clínica em Musicoterapia

Segundo Clarice Moura Costa (1995) "Musicoterapia é uma modalidade terapêutica que utiliza a música, enquanto som e movimento, com o objetivo de abrir canais de comunicação que permitam um melhor relacionamento do paciente consigo mesmo e com o seu ambiente, desenvolvendo seus aspectos bio-psíquicos-sociais de modo a possibilitar sua (re)integração na sociedade". Para alcançar os objetivos terapêuticos relevantes ao processo de individuação de cada paciente/cliente, o musicoterapeuta faz uso de atividades musicais através das quais se relaciona com o paciente/cliente ou grupo. Estas atividades envolvem o fato musical com o objetivo de comunicar algo ou de despertar conteúdos (sensações, sentimentos, idéias, imagens, lembranças, associações, etc.) no paciente/cliente ou grupo, criando, desta maneira, uma possibilidade do indivíduo atualizar suas potencialidades através deste fazer musical e/ou da comunicação através da música.

Kenneth Bruscia (1987) afirma que o processo terapêutico ocorre através de experiências musicais, e das relações que se desenvolvem através destas. Em algumas instâncias, os problemas ou necessidades do(s) cliente(s) são acessados diretamente através da música, e em outros casos, por meio da relação interpessoal que se desenvolve entre terapeuta e cliente (e/ou grupo). O processo terapêutico, quer seja através destas experiências musicais, quer seja através da relação entre o paciente/cliente e o terapeuta (e/ou grupo), ou ainda através de ambas, irá criar e/ou realizar acontecimentos que ocorrerão dentro de um ambiente "controlado" (parcialmente) - o *setting* musicoterapêutico - de forma a tornar possível a atualização das potencialidades do cliente e a manutenção do seu processo de individuação, em todos os níveis (biológico, mental e social).

O musicoterapeuta e seu(s) paciente(s)/cliente(s) devem estabelecer um *vínculo terapêutico*, e principalmente, devem estabelecer uma forma de comunicação adequada às necessidades e habilidades do(s) paciente(s). O *setting* terapêutico é um ambiente extremamente rico em possibilidades de significações, em possibilidades de produção de singularidades, em possibilidades de produção de subjetivações, as quais poderão ou não se realizar dependendo das necessidades do(s) paciente(s)/cliente(s) e das habilidades do terapeuta.

Se desejamos realmente criar uma nova abordagem musicoterapêutica, devemos rever não só o conceito de saúde, de homem, e de processo terapêutico, mas também outros conceitos e princípios básicos da Musicoterapia, tais como Identidade Sonora, Objeto Intermediário, entre outros. Para não nos estendermos muito, realizaremos apenas uma releitura do conceito de Identidade Sonora, deixando os demais para outras oportunidades. Guattari (1992) propõe a existência de Universos Incorporais de Referência, que são enunciadores que põe em jogo um sistema de valorização, criando uma polarização de subjetividade. Tal Universo de subjetivação possui uma textura hipercomplexa pois pode categorizar componentes ontológicos de diversas “naturezas”: relações sociais, matemática, artes plásticas, música, problemáticas sociais, etc. Podemos tomar a Identidade Sonora, como um caso particular de Universo Incorporal de Referência, uma vez que um elemento musical funcionaria como ponto comum que une os indivíduos, fundando um grupo, um coletivo, que produzirá subjetividade a partir daquele elemento. Não pensamos Identidade como uma “essência do indivíduo” ou “essência do grupo”, mas como um elemento que nos diferencia e portanto nos torna identificáveis perante outros semelhantes. Identidade, neste sentido, é a “consciência” da diferença.

Este conceito também é válido para as “Identidades Sonoras Individuais” (Iso Gestáltico e Iso Complementário), pois o elemento musical não uniria diferentes indivíduos formando uma unidade de grupo, diferenciando-o de outros grupos e produzindo subjetividades, mas diferentes momentos, situações, lembranças, acontecimentos de um mesmo indivíduo formando uma

unidade de indivíduo, diferenciando-o de outros indivíduos e, também, produzindo subjetividades.

A Organização Político-Administrativa-Educacional da Musicoterapia no Brasil

Muito tem se falado da questão da construção da carreira de Musicoterapeuta no Brasil, e diversos passos já foram dados em relação a este objetivo. Os trabalhos realizados pelas associações estaduais de Musicoterapia, que vem crescendo em número, força e trabalho nos últimos anos, e pela UBAM - União Brasileira das Associações de Musicoterapia são provas disto. Porém não é possível que apenas uns poucos musicoterapeutas se empenhem para conseguir tal objetivo. É preciso a participação de todos, pois como mencionado anteriormente, um coletivo inteligente só se forma se os seus elementos trocam informações e se eles tem visibilidade uns dos outros e de si mesmos. Faz-se imprescindível uma atuação mais numerosa, freqüente e concisa dos musicoterapeutas em encontros, fóruns, vivências, etc, organizados pelas entidades que ministram os cursos de formação e pelas associações, pois somente assim tal visibilidade e tal troca irá acontecer. Esta participação deve ser uma participação ativa, levantando questões, procurando respostas e soluções (ou pelo menos alternativas) e principalmente, mostrando o que se tem feito em termos de prática clínica nos diversos locais de trabalhos, com os diversos tipos de população e com as diferentes abordagens teóricas nas quais estas práticas estão embasadas.

Novamente citando Guattari (1990):

“Uma ecosofia de um tipo novo, ao mesmo tempo prática e especulativa, ético-política e estética, deve a meu ver substituir as antigas formas de engajamento religioso, político, associativo ... Ela não será nem uma disciplina de recolhimento na interioridade, nem uma simples renovação das antigas formas de “militantismo”. Tratar-se-á antes de um movimento de múltiplas faces dando lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividade. Subjetividade tanto individual quanto coletiva, transbordando por todos os lados as circunscrições individuais, “egoisadas”, enclausuradas

em identificações, e abrindo-se em todas as direções: do lado do socius, mas também dos Phylum maquínicos, dos Universos de Referência técnico-científicos, dos mundos estéticos, e ainda do lado de novas apreensões “pré-pessoais” do tempo, do corpo, do sexo ...”

Bibliografia

- BRUSCIA, K. *Improvisational Models of Music Therapy*. Springfield: Charles C Thomas Publishers. 1987
- COSTA, C. M. *Musicoterapia em Deficiências Mentais*. Lisboa: Clio. 1995.
- DELEUZE, G. *Filosofia Virtual*. São Paulo: 34. 1996.
_____ *Crítica e Clínica*. São Paulo: 34.1997.
- GUATTARI, F. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus. 1990.
_____ “As Esquizoanálises”. In: *Cadernos de Subjetividade*, Num. 04. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. 1996.
_____ *Caosmose*. Rio de Janeiro: 34. 1992.
- LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência*. São Paulo: 34. 1993.
_____ *A Inteligência Coletiva*. São Paulo: Loyola. 1998.
- PELBART, P. “Tempos de Deleuze”. In ROLNIK, S. e PELBART, P. *Cadernos de Subjetividade*, Num. Esp. Gilles Deleuze. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. 1996.
_____ *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva. 1998.